

a Europa paga US\$ 4.338 por tonelada de carne bovina. Já o valor médio pago pelo resto do mundo é de US\$ 2.550.

A Europa é referencial. Uma decisão da UE pode melhorar ou prejudicar a reputação do produto brasileiro no exterior. Seja para países que já compram carne brasileira *in natura* ou não, como os mais lucrativos, aos quais ainda não temos acesso (Japão, Coreia do Sul, Estados Unidos, entre outros).

O peso que a UE tem para as exportações brasileiras de carne precisa ser valorizado. Porém, não é isso que temos percebido. Dizer que as vendas para outros mercados compensam a suspensão das exportações para Europa é ter uma visão míope do negócio.

O tiroteio que tomou conta do assunto é prejudicial para o Brasil. Tumultua as negociações da carne e pode se espalhar para outros produtos. Além da missão de vistoria às fazendas, uma outra delegação europeia veio ao País inspecionar o sistema de controle de resíduos e contaminantes em alimentos exportados para Europa.

Atendendo ou discordando das exigências de rastreabilidade requisitadas pelo comprador, temos que nos unir para conseguir atender às mudanças ou pleiteá-las. As divergências internas devem ser resolvidas em âmbito doméstico. Só assim conseguiremos melhorar o relacionamento interno do setor, da cadeia produtiva com o governo, e do setor e do governo brasileiro com compradores, consumidores e autoridades estrangeiras.

Estamos fazendo a lição de casa para melhorar o controle da febre aftosa, reduzindo as vulnerabilidades da defesa sanitária. Entretanto, com relação à rastreabilidade ainda patinamos. O Brasil tem o desafio de aperfeiçoar o modelo atual para um mais próximo à realidade do sistema de criação nacional. Um formato universal, acessível a todos os pecuaristas, auditável, que ofereça bônus aos animais rastreados e cumpra as exigências internacionais. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Opinião

O satélite pode responder



João Sampaio*

NA ERA dos satélites, vivemos a inversão do olhar. Antes, o produtor fixava os olhos no céu para saber se teria chuva, sol ou vento. Hoje, do céu saem as informações coletadas pelos satélites. Seus receptores sensoriais captam o calor de um incêndio, identificam a ferrugem da soja, medem a salinidade dos oceanos e sentem o néctar na florada dos laranjais. É uma arma precisa e ferramenta indispensável para o agricultor.

Embora tenha se tornado instrumento imprescindível na construção da boa gestão dos negócios agrícolas, a informação, quando em excesso, pode confundir sobre a melhor opção de compra e venda e o tamanho da produção. Para o produtor, o mais importante é saber utilizá-la. Por isso, a capacitação e a profissionalização do setor fazem-se indispensáveis.

Na agricultura, ainda dominada pelas empresas familiares, como a intuição prevalece sobre a tecnologia, a utilização dos mecanismos de gestão é deixada de lado. Muitas vezes, o choque de gerações familiares na condução dos negócios é causado pela dificuldade do próprio agricultor na utilização de novas ferramentas de conhecimento.

A informação produzida pelos satélites é também uma importante arma mercadológica e política. Quem já não ouviu dizer sobre o poderoso centro de informações e estatísticas do USDA (United

States Department of Agriculture), com levantamentos sobre a produção agrícola norte-americana? E as implacáveis estimativas de safra deles e as análises dos mercados do resto do mundo, principalmente, os dos seus competidores? Os números do USDA derrubam e erguem mercados no clicar do *mouse* de um computador.

Os norte-americanos sabem mais sobre a safra de laranja brasileira que nós mesmos. Num ambiente “commoditizado”, em que o número lá influencia o preço cá, o conhecimento da produção aqui antecipa todos os negócios de lá.

Veja a polêmica criada pelo relatório do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) sobre desmatamento de 1.922 km quadrados entre os meses de novembro e dezembro de 2007. Mato Grosso foi apontado como o estado responsável por 53,7% do total desmatado no País. Os ambientalistas chiaram e o agronegócio também.

O prejuízo é geral nesses casos. Sob o olhar da comunidade internacional, a discussão sobre os equívocos na leitura dos dados levantados pelos satélites, bem como o uso político da informação, gera trombadas de interesses e quem perde é o País.

Acima do acesso às novas ferramentas tecnológicas está o saber utilizá-las e ter a dimensão do alcance e do poder delas sobre os meios de produção. Durante a Revolução Industrial, os países que não souberam antever as distorções provocadas pela produção em massa, nos preços dos produtos não alcançaram êxito na transição econômica. Houve aqueles que – com telescópio na mão – tiveram de correr atrás da expansão e da conquista de novos compradores para seus produtos.

Nos novos tempos, os satélites são mais precisos que os telescópios. Por isso, o olhar é detalhado, mas nunca deve ser diminuto. Foque no pequeno para entender o grande, sem nunca deixar de olhar para o céu. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo